



## ENTREVISTA: O ATIVISMO DE NILMA BENTES E O ENFRENTAMENTO DO RACISMO NA AMAZÔNIA

*Ivonete Pinheiro<sup>1</sup>*

*Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, São Carlos, São Paulo, Brasil.*

### INTRODUÇÃO

[...] Meu ativismo foi inspirado por muita dor e raiva do racismo, das injustiças a mim e à muitas outras pessoas negras [...]

O trecho acima é parte desta entrevista e resume bem o que aqui se apresenta. Nilma Bentes é uma potência, essa é a melhor forma de descrever uma mulher que tomou há tantas décadas a luta contra o racismo e a construção de uma sociedade mais justa para negras e negros como um projeto de vida. A militância de Nilma não pode ser separada de sua trajetória e nem do tempo/espaço onde se passa, ecoa e (se) transforma. Por isso, as perguntas estão direcionadas para construção e consolidação do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA), a entidade de articulação negra mais antiga da região norte e da Amazônia, do qual ela é uma das fundadoras, porque é através e pelo CEDENPA que ela se coloca no mundo enquanto ativista.

Nilma Bentes faz de sua trajetória de vida um grito ancestral que reivindica justiça. Como diz Lélia Gonzalez: “ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo, trazemos conosco a marca da libertação de todos e todas. Portanto, nosso lema deve ser:

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente desenvolve pesquisa sobre movimento negro na Amazônia. E-mail: [ivonetepinheiro21@gmail.com](mailto:ivonetepinheiro21@gmail.com) e ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2036-611X>



organização já”<sup>2</sup>. E foi o que Nilma fez: se organizou. Por isso, esta entrevista é uma oportunidade para conhecer (mais) uma das ativistas de maior importância para o movimento negro amazônico, e brasileiro porque as articulações estão para além das fronteiras regionais e nacionais.

Uma pergunta pertinente seria: porque conhecemos e referenciamos nomes do movimento negro internacional e pouco se fala em Nilma Bentes? Essa é uma pergunta para pensar, e que pretendo discutir em outra ocasião, assim como também estudar com mais afinco a trajetória de Nilma na luta contra o racismo, porque é notório que não é possível dimensionar o ativismo de Nilma Bentes em uma única entrevista, mas é fundamental para que se faça circular a narrativa pujante de uma mulher negra da amazônia, pois é como ressalta Audre Lorde “é evidente que se nós mesmas não nos definirmos por conta própria, outros nos definirão —para uso deles e em detrimento nosso”<sup>3</sup>

Não é justo que não conheçamos mulheres como Raimunda Nilma de Melo Bentes.

*Nasci em Belém do Pará em 1948, estudei no sistema público de ensino, sou uma das fundadoras do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará e co-fundadora da Rede Fulanas NAB-Negras da Amazônia Brasileira. Participei da coordenação da AMNB-Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras, período em que propus a realização da “Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver-2015”. Sou graduada em Engenharia Agrônoma pela atual Universidade Federal Rural da Amazônia, trabalhei no Banco da Amazônia, sobretudo como analista de projetos agropecuários. Possuo alguns cursos de especialização, sendo os principais: Desenvolvimento Regional - Áreas Amazônicas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) - Universidade Federal do Pará; Gerenciamento de Comunidades Afrodescendentes (Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID/BNDES - Washington/EUA); Aplicação da Lei 10.639/03 - História da África e Cultura Afrobrasileira Grupo de Estudos Afro-Amazônicos (GEAM) da Universidade Federal do Pará.*

*Estas são algumas das minhas publicações: Negritando (1993), Aspectos da Trajetória da População Negra no Pará (2014) e organizadora e autora, com Maria*

---

<sup>2</sup> Ver em “Lugar de negro” (GONZALEZ; HASENBALG 1982, p.34)

<sup>3</sup> Do livro “Sister Outsider” (LORDE, 1984, p.45)



*Malcher, do livro **Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver** (2016). Escreveu/organizou vários livros paradigmáticos: **CEDENPA: Raça Negra a Luta pela Liberdade** (1988), **Noções sobre a vida do negro no Pará** (1989), **Plantando Axé** (1997), **Escola e Racismo** (1996), **ABC do combate ao racismo no Pará** (1997), **Cuia de Axé** (1998), **FSM - Afro-negritude-quilombola** (2009); **CEDENPA (Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará): uma breve história dos 30** (2010) e outros. Escreveu vários artigos sobre a questão do racismo e participou de diversos seminários, feminários, encontros, congressos, conferências e outros eventos.*

### **Qual o contexto de nascimento do CEDENPA e qual a principal bandeira do Movimento Negro Nacional daquela época?**

*O Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará – CEDENPA, foi fundado em 10 de agosto de 1980, aprovou seus estatutos em 16 de agosto de 1981 e foi registrado em 27 de abril de 1982. O Brasil estava num período ditatorial e, no final da década de 1970 para a 80, sob um ambiente de abertura política, vários segmentos da sociedade civil procuraram se reorganizar e, dentre esses, o movimento negro. Estimulado por notícias e ações em vários estados do Brasil, um grupo de negras e negros de Belém, passou a se reunir para combater o racismo e as consequências negativas do mesmo. As reuniões eram em casas diferentes sendo que demorou mais na casa de uns militantes que trabalhavam no CIMI - Conselho Indigenista Missionário; com a Causa Indígena temos aliança de parentesco. No princípio, a ênfase foi na denúncia das práticas racistas, procurando desmascarar a ‘democracia racial brasileira’, propalada inclusive no âmbito internacional. Assim, a tônica na época foi a denúncia da prática do racismo que atingia (e atinge) a população negra.*

### **Naquele momento o CEDENPA possuía alguma reivindicação específica, dado o contexto local em que situa?**

*O clima político na época exigia muita cautela e o aglutinamento com outras causas, era necessário, e o fim da ditadura era o tema-centro, mas paralelo à denúncia do racismo – é bom registrar que a chamada esquerda não via (nem vê) como bons olhos os movimentos ligados à população negra nem o de mulheres; achavam, e muitos*



*ainda acham, que divide a luta por democracia verdadeira.*

### **Quais as principais linhas de atuação do CEDENPA hoje?**

*As ações, atualmente, são balizadas tendo como referência quatro pontos: a) Estímulo a autovalorização coletiva da população negra, inclui valorização da afro-negra-cultura; b) Estímulo à busca da cidadania plena por parte da população negra, sobretudo via educação/informação/capacitação/; c) Estímulo ao protagonismo político das população negra (com ênfase em mulheres negras) e aprovação de políticas públicas para eliminar desigualdades sócio-raciais e de gênero; d) Articulação com outras organizações de outros segmentos oprimidos.*

### **Qual o projeto de sociedade do CEDENPA e quais os projetos o futuro enquanto espaço de permanência e diálogo sobre a questão racial?**

*Por entender que a interpenetração sobretudo das questões do racismo-machismo- pobreza não permite a separação dessas temáticas e de outras, como , por exemplo, a de "pessoas com deficiência", mesmo acreditando que a base principal seja o racismo, e que as demais são agravamentos. Tem-se pensado em um projeto que leve em conta as ideias do Bem Viver – Ubuntu – Teko Porã – Florestania – Decrescimento e outras similares que privilegiam a economia subordinada à ecologia; coletivismo subordinado ao individualismo; não à mercantilização de recursos naturais, de órgãos e de pessoas; e outros fatores, que possam fazer frente ao neoneoliberalismo/necrocapitalismo. Sim, há muito de utopia nisso, mas, sou da ala que acredita, que a realidade se constrói socialmente.*

### **Quais os principais avanços da luta antirracista no Brasil? O que nos falta para sermos de fato uma democracia no sentido de acessos e oportunidades para a população negra e o quão distante estamos disso.**

*Ter vencido, parcialmente, na minha opinião, a ideologia da democracia racial é considerado por muitas ativistas um grande avanço. Não obstante, como persistem, por força justamente do próprio racismo, ainda fortes as ideologias da inferioridade natural das populações negra e indígena e a do embranquecimento, tido como*



*necessário para uma mobilidade vertical, sobretudo por muitos homens negros e mais estético, por algumas mulheres negra).*

*Acredito que estamos muito longe de atingir a equidade, mas estamos caminhando; não devemos bater de frente com a classe dominante, isso seria uma espécie de “suicídiodemovimento”, até porque, como sinalizei, o próprio segmento negro pode se voltar contra nós. Temos que apostar, entre outras coisas, nas políticas públicas para tentar tornar nosso caminho menos pedregoso e quem sabe até ter maior protagonismo dentro do próprio Estado (executivo, legislativo e judiciário), mas com representante conscientes, vale um lema parafraseado: “Embora toda pessoa branca tenha um certo grau de racismo, nem todos são nossos inimigos e embora muitas pessoa negras tenham baixa autoestima, nem todos estão ao nosso lado.*

### **Como você vê o momento político em que vivemos em termos de retrocesso para as políticas de mitigação do racismo no Brasil?**

*A maioria das análises apontam para um agravamento de nossa situação, maioria da população no Brasil, cerca de 56%. Sobretudo pelos sinais de que a economia mundial vai ter de se rearranjar de alguma forma, apostou muito no consumismo, inclusive no ramo do turismo, que no momento está em baixa devido ao Covid-19; também por força do aumento dos serviços remotos, ocupações de relativamente baixo acesso à pessoas negras em vista de exigir acesso à internet. Acompanhando essas análises, se não houver uma intervenção estatal mais empática para com a nossa causa, a maioria de nós vai sofrer muito, muito, muito. Talvez se vislumbre um certo paradoxo, pois à medida em que o governo do Coiso esteja desmantelando conquistas sociais – não só nossas –, pode estar havendo um fortalecimento do processo organizativo do movimento negro em geral. Rede Fulanas NAB-Negras da Amazônia Brasileira, AMNB-Articulação de Organizações de Mulheres Negras, Coalizão Negra por Direitos, que são organizações regionais e nacionais com as quais tenho mais ligações, por exemplo, estão bem atuantes. As associações quilombolas estão se aglutinando mais; também as dos adeptos das Religiões de Matrizes Africana. Têm surgido dezenas de grupos mais ligados à afro-negra cultura e estética e de jovens como de Hip-Hop/Slans, de Capoeiras, de Reggae, de Samba, Movimento Crespo e muitos outros; até alguns futebolistas estão se pronunciando e,*



*deve ser registrado também que há um certo crescimento de apoios de pessoas brancas.*

**O historiador Vicente Salles aponta que existe uma negação da contribuição do povo negro para formação da sociedade paraense, você concorda com isso? Como a negação da presença negra vem sendo perpetuada na Amazônia e o que se pode fazer para combater isso?**

*Sim, concordo. Não é negada só a presença física, como também invisibilizada e estadia-regionalizada a afro-cultura. A exemplo do que acontece com o samba o qual que internacionalmente é divulgado como ritmo-dança brasileira, sem referências ao afro-negro, também aqui isso ocorre com o Carimbó, só um exemplo. Assim, além da classe hegemônica continuar valorizando uma dita “ alta cultura”, música clássica/erudita: Mozart, Bach, Vivaldi, Beethoven; balet, etc, ainda tenta retirar da população negra, a origem de danças e ritmos, isso por conta do racismo e tenta até hierarquizar as raças: branca, amarela, aqui no Brasil, são indígenas e asiáticos e negra, esta, em último lugar. Percebe-se que relativamente poucas pessoas negras são incluídas em vários grupos de danças/afro-cultura locais, isso ocorre desde a infância. Atuar em várias frentes priorizando algumas como, educar via afro- negra-cultura e exigir respeito às religiões de matrizes africana, são exemplos de caminhos básicos a serem seguidos. Sei que a maioria das pessoas ativistas sabe que a luta é árdua e deve ser contínua, até porque a mídia televisiva racista não nos apoia.*

**Sabe-se que o Pará é o estado com maior número de terras quilombolas demarcadas, o que isso significa para o estado com maior número de autodeclarados pretos e pardos?**

*Acho que temos um certo lastro nesse campo que aqui foi iniciado por nós do CEDENPA, desde as discussões da Constituinte/Constituição de 1988 e também no período de da Revisão Constitucional de 1998, quando um deputado daqui do Pará Eliel Rodrigues tentou retirar da Constituição o artigo 68 ADCT . Em todo esse trajeto houve apoio de algumas pessoas não-negras, sobretudo da CPI-SP, do NAEA/UFPA, inclusive para criação do Programa Raízes em 2000. Após a fundação da Malungu:Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes*



de Quilombo do Pará desde 2004, o Cedenpa vem apoiando, mais diretamente no apoio à realização de Encontros de Mulheres Negras Quilombolas e mantendo ligações mais estreitas com algumas comunidades e em assuntos mais ligados a ações no Estado (Executivo, Legislativo, Judiciário/Sistema de Justiça) . Importa registrar também, que as vagas à quilombolas para ingresso na UFPA, foi fruto do trabalho do Grupo de Estudos Afro-amazônico (GEAM), criado em 2002, e do CEDENPA. O pessoal da Malungu estava empenhado em outras atividades naquele período, sendo que a associação só foi representada em poucos momentos das discussões.

**No seu livro “Negritando” você afirma que todo branco é racista e todo negro se auto rejeita em alguma medida, como isso desafia a luta contra o racismo?**

*Penso que todas as lutas dos segmentos oprimidos são desafiadoras e parece que todo ativista acha, quase sempre, que a causa que defende é a mais importante. No nosso caso, acredito que em termos estruturais o movimento negro é sim muito importante porque trabalha pensando na interpenetração das questões raça-gênero-classe sem descuidar nas questões da natureza não-humana/ambiental, o que inclui pensar até no cosmos. Acredito que mais especificamente nesse caso, o nosso desafio maior é fazer com que o estímulo ao aumento da autoestima coletiva da população seja alcançado ao máximo, pois quando criamos o Cedenpa , pensávamos, eu, pelo menos, que quando isso fosse alcançado, não haveria nem necessidade de ‘Cedenpas’, pois cada pessoa negra se faria respeitar onde quer que estivesse. O papel central, então, seria coletar argumentos para que as pessoas negras pudessem agir autonomamente . No tempo tinha presenciado, por exemplo, reuniões em Centro Comunitários, classe de baixa renda, onde quando uma pessoa negra levantava a mão para tentar falar alguma pessoa não-negra dizia: “ Lá vem besteira!” e isso, evidentemente, inibia a participação das pessoas negras – a rigor , em muitos lugares isso ainda ocorre. Então, penso que ainda é sim, o maior desafio do movimento negro é mobilizar o próprio segmento negro, até porque às vezes a abordagem é difícil, pois ocorre muito de a gente ter de seguir os passos que citei: dar notícia que a pessoa é negra; que existe racismo; que se deve lutar contra isso; e que de preferência deve ser coletivamente. Por minha experiência penso que o movimento negro é o mais antipatizado entre todos os movimentos, até porque tem essa questão da autorrejeição. Com relação ao estímulo a que a população branca*



*amente sua conscientização de que tem sido privilegiada por séculos é talvez um dos caminhos, mesmo não sendo o melhor, pois serão necessárias medidas paralelas, como aprovar leis e fazer cumprir. São séculos de privilégio naturalizado. Há quem ache que o movimento negro não aceite se deixar usar como uma espécie de “afro-negrawikipédia” para atender as pessoas brancas e sim que elas próprias (brancas), devem ir buscar informações considerando o que apontou Lélia Gonzalez ser, ao dizer que o racismo é o “sintoma da neurose da cultural brasileira”. Recomendo assistirem o vídeo no Youtube/Unicap: Workshop Vozes: Mulheres na Filosofia parte II – Mãe Preta e o Nome do Pai (podem assistir os dois outros também), porém destaco esse, pois considero que talvez tenha sido por isso que a Professora. Angela Davis disse que não sabia por que muitos iam buscá-la, quando tinham uma Lélia Gonzalez, que antes dela, já falava sobre esses assuntos.*

### **Quais as dificuldades específicas do movimento negro aqui na Amazônia?**

*Conforme já sinalizei em algum momento, os desafios aqui na Amazônia brasileira podem ser considerados iguais ou maiores que o tamanho da própria Região (2/3 do território nacional), com distância enormes, acessos difíceis, incipiência de energia elétrica e de conexões de internet e ainda a sinergia da baixa autoestima coletiva das populações negra e indígena, sendo, possivelmente, nesta, menos pronunciada que na negra; sistema educacional e de informação deficiente; presença tipo “catequese” de religiões cristãs que pregam a subserviência, conformação, prevalência do extrativismo predatório, agronegócio, monocultura de exportação, forte uso a matriz energética hidrelétrica, garimpos, pistas de pouso clandestinos e outros fatores que fazem com que nos sintamos quase impotentes uma vez que tudo isso envolve multi- transnacionais com aquele poder devastador. Por outro lado, a pandemia (Covid- 19) além de tudo, está praticamente ‘contra nós’ que pregamos o coletivismo, o presencial, não o individualismo egocêntrico, pois não é recomendável a aglomeração e causa um temor de contágio tanto no meio urbano quanto no rural, em princípio menos suscetível que o urbano, por ser muito mais aglomerado. Há também a questão de recursos financeiros instáveis. Nesse caso, por aqui, nossa experiência faz com que os projetos não devam ser discutidos da forma mais adequada pois a cultura de muitos lugares sinaliza que não se deve prometer se não tiver*



*condições de cumprir, pois corre-se o risco de ficar tão desacreditadas, a exemplo de muitos políticos. Então, para pensar em projetos mais participativos temos de ter algum grau de certeza que os recursos serão liberados e no tempo adequado/programado. Não deve ser descartada o os efeitos do próprio racismo no processo, pois muitas agências podem ter articuladores racistas que duvidam de nossa capacidade de elaborar, executar, acompanhar e prestar contas dos recursos, alguns agem às vezes tal qual um antigo “capataz”, mesmo quando são pessoas negras.*

### **Como a idealizadora do Marcha Nacional das Mulheres Negras, o que foi aquele momento? E o que deixa de ensinamento para o Movimento Negro de modo geral?**

*Olha, este não é um assunto tão fácil de tratar, como poderia parecer. Foi um processo tão louco quanto difícil. Poderá um dia fazer eu acreditar em que sim, um forte pensar pode se concretizar, tipo Neville Goddard e seus seguidores, conhece?, ou tipo canal ancestral – morto vivente/vivente-quem vai nascer (Ubuntu). É difícil pois pode parecer que fui “escolhida “. Talvez isso tenha acontecido em 1987 quando escrevi, às pressas , o texto*

*”Consciência Negra no Brasil”, que muitos anos depois o lendo, pensei ter sido um tanto psicografado, não tenho sido crente nesses caminho, pois não acredito que possa ter àquela altura escrito daquele jeito. Bem, o fato foi que acreditei na ideia e fiquei quase 4 anos “endoidando”, fazendo cartas pra tudo quanto é canto e encontrei apoio em pessoas incríveis que em momento não menos incríveis, aceitaram o desafio (não é bom nomear, pois a gente corre o risco de cometer falhas, omissões, imperdoáveis, e já peço desculpas aqui. Mas para manter acesa minha proposta, foram decisivas pessoas como (que cito aqui em ordem alfabética) Alaerte Leandro, Clátia Vieira, Edna Damasceno, Josanira da Luz, Luana Natiele, Luiza Bairros (saudades), Maria Albenize Malcher, Maria Conceição Fontoura, Maria das Dores Almeida, Michely Ribeiro, Regina Adami, Naiara Leite e Valdecir Nascimento; não devo deixar de citá-las uma vez cada cabeça é única (mesmo) e a minha, estava nutrida, a nível nacional, por, pelo menos, a dessas pessoas. Eu estava tão decidida, que já havia conversado (e convencido, creio) com as meninas do IMENA-Instituto de Mulheres Negras do Amapá, incluindo Neucirene Oliveira e Durica que, mesmo que fôssemos apenas 100 mulheres negras, e não 100 mil , que era minha proposta, iríamos à Praça dos Três Poderes e acreditava*



*que não poderia dar errado, levando em conta que como nunca tinha acontecido, seria, então, histórica de qualquer jeito. A Marcha foi um acontecimento lindo, absolutamente colorido e energizado de tal maneira que, em alguns momentos, parecia inacreditável o que estava acontecendo. Realmente àquela altura, a energia havia superado as expectativas mais otimistas, e olha que eu procurei nem ter expectativas.*

*Pena, para mim, que no dia seguinte estava com problemas e quase não consegui conversar com as compalungas. Talvez por isso, possa sentir emoção até agora. É válido registrar também que a Maria Lúcia Silva (do Amma Psiquê) foi quem, praticamente, exigiu o reconhecimento de meus méritos – mesmo que eu tenha sido, de fato, apenas um canal ancestral. Creio que jamais conseguirei colocar em palavras as emoções que “reboliçaram” meu ser. Devo aqui, repetir uma frase que alguns dizem ser do Bob Marley: “ Quando a emoção é tão grande que não cabe no coração, ela derrama pelos olhos”.*

### **Como inspirar uma nova geração para a luta antirracista? E quais as diferenças da militância de hoje para aquela militância do período de redemocratização?**

*Não sei responder, pois acho que meu ativismo foi inspirado por muita dor e raiva do racismo, das injustiças a mim e à muitas outras pessoas negras. Posso dizer que as diferenças do “aquele tempo, na ditadura”, não tinha internet, nem celular e a gente usava máquina datilográfica, mimeógrafos, xerox não tinha, no início e não era recomendado se falar em racismo e sim em preconceito de cor; de negros e sim de afro-brasileiros, inclusive para pessoas com o fenótipo negro. Tínhamos tanta garra quanto hoje têm muitos militantes de hoje, mas muito mais medo, vencê-lo sempre foi um desafio enorme. Penso ser justo terminar de preencher este questionário “negritando” uma frase de alguém (vi na TV, talvez): “A violência começou com os brancos, eles nos ensinaram, e nós quando a usamos é em legítima defesa”. Esses tempos de pandemia e quarentena, ando repetindo de mim para mim algo como: Faz séculos que toda a população negra brasileira ou está em “liberdade condicional” (temos sempre que medir nossas ações) ou está encarcerada.*

Belém-Pará-Amazônia- Brasil.

Recebido em: 01/06/2022

Aprovado em: 25/06/2022